

A ditadura da magreza em grupo pró-transtorno alimentar no WhatsApp

The dictatorship of thinness in a pro-eating disorder group on WhatsApp

Carlos Renan Samuel Sanchotene^{*}
Ana Luísa Gontijo Nogueira^{**}

Resumo: Este trabalho busca estudar as interações do grupo Borboletana no *WhatsApp* entre jovens que sofrem transtornos alimentares. A pesquisa busca verificar como acontece a construção do corpo ideal, identificar e descrever as tematizações discutidas e compreender suas submissões aos sacrifícios de uma alimentação conturbada para alcançarem o ideal do corpo perfeito. A metodologia compreende um estudo a partir da netnografia (Kozinets, 2014). Para tanto, foram coletadas as mensagens compartilhadas pelas 39 participantes, do dia 6 de maio ao dia 21 de maio de 2023. A análise foi dividida em três categorias: a sociabilidade no grupo, o ninho de borboletas e a demonização da gordura. Entre os resultados conclui-se que a comunidade é constituída a partir do senso de pertencimento, dos laços sociais e dos interesses compartilhados. E, ainda, tanto as interações quanto os aspectos midiáticos contribuem para o agravamento dos transtornos alimentares.

Palavras-chave: transtornos alimentares; corpo; interações; WhatsApp.

Abstract: This work seeks to study the interactions of the Borboletana group on WhatsApp among young people who suffer from eating disorders. The research seeks to verify how the construction of the ideal body happens, identify and describe the themes discussed and understand their submissions to the sacrifices of a troubled diet to achieve the ideal of the perfect body. The methodology comprises a study based on netnography (Kozinets, 2014). To this end, messages shared by the 39 participants were collected, from May 6th to May 21st, 2023. The analysis was divided into three categories: sociability in the group, the butterfly's nest and the demonization of fat. Among the results, it is concluded that the community is constituted from the sense of belonging,

^{*} Pós-doutor em Comunicação (UFSM). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda (UEMG – Divinópolis). E-mail: carlos_sanchotene@yahoo.com.br

^{**} Graduada em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG – Divinópolis). E-mail: analulugontijo@gmail.com



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

social ties and shared interests. Furthermore, both interactions and media aspects contribute to the worsening of eating disorders.

Keywords: eating disorders; body; interactions; WhatsApp.

Recebido em 24/06/2024. Aceito em 05/08/2025

INTRODUÇÃO

Os transtornos alimentares, como a anorexia e a bulimia, afetam milhões de pessoas e implicam na busca pelo corpo perfeito por meio de práticas extremas. De acordo com o Ministério da Saúde¹ (2022), embora semelhantes e normalmente motivados pelos mesmos pretextos, os distúrbios acometem os indivíduos de diferentes formas. Enquanto a anorexia é caracterizada pela rejeição de alimentos, a bulimia pode ser identificada por episódios recorrentes de ingestão excessiva de alimentos, seguidos por comportamentos compensatórios, como vômitos, uso de laxantes ou exercícios excessivos.

Segundo dados da Associação Brasileira de Psiquiatria² (2023), mais de 70 milhões de pessoas no mundo sofrem de algum transtorno alimentar. A anorexia e a bulimia são os distúrbios que apresentam maior incidência, especialmente na população feminina, entre idades de 12 e 17 anos. A prevalência das doenças em mulheres deve-se a uma combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais, que as tornam mais propensas ao desenvolvimento de distúrbios alimentares. Ambas as doenças podem originar maiores problemas de saúde e, ainda que sejam ocasionadas por comportamentos autolesivos, estes não são aderidos de forma consciente. Os distúrbios alimentares não se manifestam abruptamente, mas sim, evoluem a partir de predisposições presentes do nascimento até instabilidades que surgem ao longo dos anos (Morgan; Vecchiatti; Negrão, 2002).

Os padrões de beleza estabelecidos pela sociedade ao longo dos séculos foram e ainda são fundamentados a partir de razões históricas, culturais e sociais, e, apesar da percepção da beleza ser inspirada pela cultura e tradição de cada sociedade, é de senso comum que alguns traços faciais e corporais sejam considerados belos em vários espaços simultaneamente. Segundo Clark (1956), na Grécia Antiga, a beleza era associada ao corpo magro, baseada em proporções matematicamente simétricas, que se refletiam em suas representações artísticas; enquanto em outros períodos da história, a magreza era sinal de escassez e a obesidade representava a expressão de questão social.

Mais tarde, ao longo do século XX, a idealização da magreza como padrão de beleza voltou a ser valorizada e difundida, especialmente entre as mulheres. O ideal de beleza passou a ser representado pelas modelos nas passarelas e meios de comunicação. Assim, a idealização do corpo perfeito reportado pelos meios de comunicação implica na sua exposição constante (Borges,

¹ Dados do Ministério da Saúde. Disponível em: < <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/mais-de-70-milhoes-de-pessoas-no-mundo-possuem-algum-disturbio-alimentar>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

² Dados da Associação Brasileira de Psiquiatria. Disponível em: <<https://www.abp.org.br/post/abp-tv-diagnostico-e-tratamento-dos-transtornos-alimentares>> Acesso em: 09 jun. 2023.

2007) e consequentemente, na criação de uma cultura do consumo e da aparência que interfere na formação da imagem corporal.

Atualmente, as dinâmicas das redes digitais têm facilidade a reprodução de imagens corporais irreais e inatingíveis conduzindo jovens a uma percepção do corpo a partir de modelos, e não a partir de si mesmo (Borges, 2007). As comunidades online têm permitido que indivíduos compartilhem os mesmos objetivos, pensamentos e comportamentos. E, ao mesmo tempo que encorajam trocas saudáveis, também encorajam práticas complexas e perigosas com relação a métodos para alcançar o padrão de beleza considerado ideal. A facilidade de contato entre pessoas que passam por situações semelhantes envolvendo perda de peso e a busca pelo corpo perfeito, possibilita a convergência de uma transação de suporte a um espaço propício para o compartilhamento de comportamentos prejudiciais, dicas de alimentação e práticas de atividades físicas sem acompanhamento profissional e que ultrapassam o extremismo, vulnerabilizando os usuários e agravando os transtornos alimentares.

Os grupos de WhatsApp em que se encontram àqueles que procuram informação e inspiração sobre emagrecimento acabam sendo um terreno fértil de desinformação e agravamento de práticas alimentares nocivas à saúde. Um exemplo diante do contexto é o objeto escolhido para análise: o grupo Borboletana. Trata-se, portanto, de um movimento pró-ana e pró-mia que representa uma forma de adesão aos transtornos alimentares da anorexia e da bulimia, e seus participantes tratam os assuntos não como doenças a serem combatidas, mas como estilos de vida a serem adotados (Mesquita, 2018). O grupo é composto por 39 participantes, a maioria, mulheres na faixa dos 17 anos, e a escolha se justifica pela constante interação entre os membros, além de ser um grupo aberto disponível para acesso e divulgado em redes digitais como *Twitter*.

Assim, o presente trabalho analisa as interações sociais entre as participantes, incluindo a criação de vínculo que gera maior confiança e, consequentemente, a exposição excessiva de informações pessoais, a normalização do comportamento agressivo e ofensivo disfarçado de inspiração, e a disseminação de ensinamentos contraproducentes ao corpo humano. Partindo do pressuposto de que os atos nocivos são adotados pelas participantes e pessoas afetadas por transtornos alimentares de forma inconsciente da realidade, ainda que racionalmente ciente dos danos que as práticas podem acarretar no futuro, surge o questionamento: como acontece a construção do corpo ideal pela comunidade pró-transtorno alimentar Borboletana no WhatsApp? Os objetivos são compreender as interações no grupo, identificar e descrever as tematizações discutidas e refletir sobre as perspectivas e visões de mundo que levam as mulheres a se submeterem aos sacrifícios de uma alimentação conturbada para alcançar o ideal do corpo perfeito.

Para tanto, o artigo está estruturado da seguinte maneira: primeiramente abordamos a construção do belo diante da ditadura da magreza (Santos, 2016; Santana, 2016) e a representação do corpo na mídia (Borges, 2007; Sant'anna, 2014). Em seguida, são discutidas as dinâmicas e práticas interativas nas redes digitais (Primo, 2008). A metodologia escolhida foi a etnografia virtual (Kozinets, 2014) que considera as influências mútuas que ocorrem entre as experiências online e offline dos indivíduos. Para atingir os objetivos da pesquisa, foram criadas três categorias a partir das perspectivas apontadas por Rheingold (1993) sobre as interações em comunidades online. Assim, na análise, foram consideradas as categorias: interesses em comum, laços sociais e senso de pertencimento. Por fim, são apresentadas as considerações do estudo.

A CONSTRUÇÃO DO BELO E A REPRESENTAÇÃO NA MÍDIA

A construção da beleza se modifica de acordo com as particularidades de cada sociedade, sendo um constructo social e cultural baseado em suas próprias origens e influenciado por fatores históricos, econômicos, religiosos e geográficos. Heller (1977) afirma que a ideia do belo é mais que uma experiência individual, mas também, uma formação afetada pelas condições sociais e históricas em que somos inseridos, sugestionada pelas normas e valores culturais de cada época.

Medeiros (2011) afirma que as discussões acerca das formas de beleza já eram discutidas na Grécia Antiga, a partir das teorias de Aristóteles, Pitágoras, Sócrates e Platão que reafirmavam o belo como juízo subjetivo. Alicerçado aos ideais dos pensadores, foi criado o *cânone*, termo que, em aspectos corporais, se refere aos princípios e convenções estabelecidos que determinam o que é considerado belo e ideal em uma determinada época ou estilo artístico, considerando proporções, simetria, equilíbrio e harmonia.

Conforme Gombrich (1999) essas formas de conceituação da beleza foram reconhecidas como parte do belo clássico, retratando as figuras humanas através das esculturas de maneira realista. O autor enfatiza a natureza subjetiva da percepção estética e a qualifica como um processo ativo e interpretativo, que é construído por meio da interação entre o observador e a obra de arte.

A velha ideia de que era importante mostrar toda a estrutura do corpo – suas principais articulações, por assim dizer, para fazer entender como o conjunto se mantinha unido e coeso – instigou o artista a continuar explorando a anatomia dos ossos e músculos, e a formar uma imagem convincente da figura humana [...]. É esse equilíbrio entre a adesão e as regras e a liberdade de criação apesar delas que faz com que a arte grega continue tão admirada em séculos subsequentes (Gombrich, 1999, p. 87).

No início do século XX, com o desenvolvimento das indústrias de vestimentas e cosméticos, a produção tecnológica da beleza recaiu fortemente sobre as mulheres, tornando as práticas, antes ornamentais, agora instrumentos de controle sobre o corpo feminino (Mota, 2008). Para além dos padrões estéticos, a emergência do culto ao corpo introduz um ambiente social que reduz a imagem própria em mercadoria.

Anos mais tarde, a modelo britânica Twiggy - nome artístico que deriva da palavra graveto em inglês - se tornou o padrão da década de 60, valorizando o corpo magro, com quadris estreitos e seios pequenos. A modelo acaba sendo uma tendência em direção a corpos mais magros e esguios na indústria da moda e abre as portas para novas modelos semi-anoréxicas no universo das passarelas no século XX. Já nos anos 90, a modelo britânica Kate Moss surge como símbolo de um movimento estético conhecido como “*heroin chic*”³, no qual tinha como temática principal “a morbidez, a androginia e modelos drogadas com cara de morta e em poses desleixadas” (Silva, 2006, p. 49). A glorificação da aparência magra e desgastada resultou na personificação da modelo como símbolo do movimento.

A musa das passarelas nos anos 1990 é a Kate Moss, magérrima e considerada o símbolo da anorexia. Essa chamada ditadura da magreza, que é também a ditadura da beleza a qualquer custo, é apontada como uma das responsáveis pelo mal-estar que leva cerca de 20% das adolescentes do mundo, a maioria

³ Estética fotográfica que marcou o mundo da moda na década de noventa com a glamourização das drogas.

quase absoluta de meninas de classe média e alta, a desenvolverem transtornos alimentares como anorexia e bulimia (Mota, 2008, p.103).

Ainda que a magreza fosse aplaudida nas décadas seguintes, modelos como a brasileira Gisele Bündchen representavam a volta das curvas (Santos, 2022) em contraposição com o padrão de beleza caracterizado predominantemente por modelos andrógenos. Assim, o ciclo interminável de repressão ao corpo tem continuidade nos tempos atuais, que embora mais suscetíveis a mudanças na percepção do belo e na valorização da diversidade, ainda exercem autoridade sobre a vida das mulheres (Santos, 2022).

De acordo com Santos (2022), a constante exposição a corpos retocados, aparências impecáveis e estilos de vida aparentemente perfeitos, que são, todavia, cuidadosamente selecionados, distorcem a percepção da realidade daqueles que acompanham por trás da tela, e não são inteirados dos verdadeiros esforços, retoques e privilégios financeiros que englobam a consecução da imagem apresentada ao público. O culto ao corpo perfeito e a idealização da magreza não são elementos contemporâneos da sociedade, que mesmo antes da criação das redes sociais, dispunha de modos para a propagação do aspecto corporal que se esperava das mulheres, incluindo filmes e revistas. No entanto, os espaços virtuais da atualidade favoreceram o bombardeamento, tanto de imagens corporais, quanto de maneiras de alcançá-lo com maior “facilidade” (Santana, 2016). Historicamente, a mídia se fez essencial na promoção de uma representação limitada e estereotipada do corpo, com ênfase na magreza e proporções corporais específicas, desempenhando um papel de importância na homogeneização da aparência física e crescente pressão para conformidade estética.

A forte influência da cultura popular ocidental e expansão da mídia e da publicidade globalizada são fatores que viabilizaram os moldes do corpo ideal de acordo com características físicas ocidentais, como a pele clara, o cabelo liso e o corpo magro. A instituição de um padrão ocidental age de forma excludente, tendo em vista que as sociedades são compostas por mulheres de variadas culturas, traços e biotipos, instituindo um perfil que não acata genética, cultura ou modo de vida (Sant’anna, 2014).

Com a circulação de material audiovisual na televisão e cinema, ocorre a consolidação de uma estética standardizada (Santana, 2016), que tem como referências de beleza, atrizes hollywoodianas. Destaca-se, no momento atual, além da influência do cinema, televisão e revistas, a internet como principal forma de disseminação de um ideal de beleza (Santos, 2016). Os espaços cibernéticos abrigam um novo formato do padrão estético, e as influenciadoras digitais que compartilham suas rotinas e corpos perfeitos, acabam influenciando mulheres que não dispõem da mesma realidade.

Além da permanência da objetificação do corpo, a mídia contemporânea incorpora também a idealização de padrões inexistentes, que se formam com edições digitais excessivas, filtros e manipulação de imagens possibilitadas pelos avanços tecnológicos. As mídias sociais, ainda que tenham possibilitado o compartilhamento de uma diversidade de vozes e a celebração de variados corpos, permanecem em seu mesmo papel de perpetuar repressões e comparações que estimulam um processo de busca pelo corpo ideal (Borges, 2007).

A mídia representa um papel significativo na propagação dos padrões estéticos predominantes em determinadas sociedades e retrata, com frequência, os corpos ideais como sinônimos de sucesso, felicidade, aceitação social e desejo. Ela reflete e reforça as normas e valores do corpo social em que está inserida, e promove, por entre a reprodução da sexualidade, corpo e gênero, a formação de uma identidade adequada aos moldes impostos pela sociedade (Borges, 2007).

Como vimos, a mídia representa um grande papel na formação da imagem corporal e influencia fortemente na insatisfação e na busca por maneiras de se aproximar do padrão de beleza inalcançável estabelecido e reforçado pela sociedade. Em meio às redes utilizadas na exteriorização do padrão de beleza, são instituídos espaços cada vez mais específicos para o estabelecimento de grupos com interesses semelhantes. É o caso de grupos no WhatsApp, formados por usuários com objetivos, interesses e ideais semelhantes. Desse modo, apresentamos a seguir as dinâmicas e interações em redes digitais, sobretudo, em grupos pró-ana e pró-mia.

WHATSAPP E INTERAÇÕES SOCIAIS EM GRUPOS PRÓ-ANA E PRÓ-MIA

O WhatsApp é um aplicativo de mensagens instantâneas desenvolvido para dispositivos móveis e também acessível em computadores. Lançado em 2009, se tornou um dos aplicativos mais populares do mundo, permitindo que os usuários enviem mensagens de texto, façam chamadas de voz e vídeo, compartilhem imagens, vídeos, documentos e localizações em tempo real. Uma das funcionalidades mais proeminentes do WhatsApp é a formação de grupos. Essa utilidade permite que um usuário reúna um conjunto de contatos em uma única conversa. Ao criar um grupo, o usuário administrador pode nomeá-lo e adicionar membros, que podem ser contatos da lista telefônica ou números de telefone adicionados manualmente. Os participantes podem participar de discussões, compartilhar mídias e documentos, e realizar chamadas de voz ou vídeo em grupo. Essas funcionalidades tornam o dispositivo uma ferramenta versátil para a comunicação coletiva. Assim, compreendemos o WhatsApp como um dispositivo que promove uma interação mediada.

De acordo com Thompson (2018), a interação mediada online é um fenômeno inerente à era digital e estabelece conexões caracterizadas pela flexibilidade em optar entre comunicações síncronas e assíncronas. O autor ressalta essa forma de interação como uma evolução impulsionada pela revolução digital e pelo crescimento da internet, e como sendo orientada para uma multiplicidade de destinatários, promovendo a participação ativa de muitos para muitos. Essa concepção destaca a capacidade das plataformas de mídia social em formar redes de relacionamentos sociais em constante expansão, nas quais os usuários podem se conectar com uma pluralidade de pessoas, algumas das quais conhecem apenas por meio dessas plataformas.

Alex Primo (2008) destaca dois tipos de interação: a mútua e a reativa. O autor define a primeira forma como uma dinâmica de diálogo e cooperação entre os interlocutores, em que cada mensagem influencia as subsequentes. A interação mútua é marcada pela simetria na comunicação, e os participantes têm um papel ativo na construção do discurso. Ou seja, eles não apenas respondem às mensagens, mas também iniciam novos tópicos, fazem perguntas abertas contribuindo para a elaboração coletiva das ideias. Por outro lado, a interação reativa envolve respostas a estímulos, mas não necessariamente contribui para uma conversa ativa e colaborativa. Essa forma de interação é, portanto, unidirecional e tende a não promover um fluxo de diálogo constante, como ocorre em interações mútuas. O autor enfatiza que a interação reativa, muitas vezes, se manifesta em ambientes online, como respostas a posts, comentários ou mensagens de outros usuários. Esses retornos tendem a ser reflexivas e voltadas para a reação ao conteúdo apresentado, ao invés de contribuir para o desenvolvimento de uma conversa em curso.

No contexto da comunicação digital contemporânea, a interação mútua é o cerne da forma de comunicação do WhatsApp, o principal objeto de estudo desse trabalho, uma vez que impulsiona a dinâmica das conversas, possibilitando a troca ativa de mensagens e conteúdo entre os

usuários. Assim, formam-se comunidades online como uma extensão do espaço físico, onde as relações humanas, a comunicação, o compartilhamento de informações e o desenvolvimento de culturas e identidades ocorrem de forma digital. Elas podem ser definidas como uma união que emerge quando um conjunto de indivíduos se encontra de forma sistemática no ciberespaço, estruturadas a partir das comunicações interativas autoestabelecidas e organizadas em torno de um interesse ou propósito comum (Rheingold, 1993).

A partir dessas dinâmicas compreendemos a formação de movimentos chamados pró-ana e pró-mia que representam uma forma de adesão aos transtornos alimentares da anorexia e da bulimia, tratando-os não como doenças a serem combatidas, mas como estilos de vida a serem adotados (Mesquita, 2018). Segundo Reis (2008), o movimento se apoia em características que contribuem para sua expansão e persistência no meio online. Um desses atributos é o anonimato proporcionado pelo espaço virtual, onde os participantes podem interagir sem revelar suas verdadeiras identidades, criando um ambiente propício para o compartilhamento de experiências e práticas associadas aos transtornos alimentares (Mesquita, 2018). Esse anonimato também permite a criação de personas que personificam os ideais pró-ana e pró-mia, muitas vezes, conferindo ao movimento um caráter de sociedade misteriosa.

E para conseguirem chegar a um dos modelos de beleza propagados pela mídia e pela sociedade moderna ocidental, elas agora se reúnem em grupos por meios de redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e principalmente o WhatsApp, que promove um nível considerado de interação. Em conjunto, elas trocam “figurinhas” para se manterem fortes e conquistarem seu objetivo, que a grosso modo se resume em descobrir artimanhas para emagrecer ao ponto de poderem exibir, com orgulho, seus ossos (Santos, 2016, p.18–19).

Os apelidos Ana e Mia são vistos como “entidades” a serem incorporadas pelas garotas que aderem o movimento como estilo de vida. A prevalência desses transtornos alimentares é recorrente em mulheres jovens, muitas vezes, surgindo durante a adolescência ou início da idade adulta. Tal tendência pode ser atribuída a uma série de fatores, incluindo pressões socioculturais para atender a padrões de beleza inatingíveis, a influência das mídias sociais e a busca por aceitação entre os pares.

No cenário brasileiro, os movimentos surgiram em 2002 com os primeiros weblogs dedicados ao tema. A consolidação e expansão, por sua vez, ganharam impulso a partir de 2004, coincidindo com o advento e a crescente popularização das plataformas de redes sociais. Nessas páginas, ocorre um senso de refúgio, onde aqueles que enfrentam desafios similares podem compartilhar abertamente suas experiências, sem encarar atos de censura, que habitualmente sucede-se por parte de administradores dos sites, que categorizam o conteúdo desses grupos como “ofensivo”.

Em resposta ao silenciamento por parte da comunidade externa, surge a criação de um dicionário para as Anas e Mias. As gírias desempenham um papel distintivo na identificação dos indivíduos que pertencem ou não à comunidade anoréxica ou bulímica. Um estudo realizado por Mirapalheta e Santos (2010), reuniu cinco blogs pró-Ana e pró-Mia, monitorando as publicações feitas pelas autoras e analisando os comentários efetuados pelos internautas, a fim de identificar as gírias e terminologias que caracterizavam as atividades relacionadas à anorexia e à bulimia. No quadro 1, a seguir, identificamos algumas terminologias presentes nessas comunidades:

Quadro 1 - Gírias e Terminologias

Gíria	Significado
Ana	Anorexia Nervosa
Mia	Bulimia
Pro Ana	A favor da anorexia
Pro Mia	A favor da bulimia
Compulsão	Quando as Anas e Mias comem muito
ED	Eating Disorders (distúrbios alimentares)
TA	Transtornos Alimentares
Miar	Vomitar
Anar	Não comer
LF	Low Food (pouca comida)
LFC	Low Food Coletivo (pouca comida coletivo)
NF	No Food (não comer ou sem comer)
NFC	No Food Coletivo (sem comer coletivo)
Anjo, boneca, criança, princesa	Como se chamam as anoréxicas ou bulímicas
Lax	Laxante

Fonte: Mirapalheta e Santos (2010)

As gírias, abreviações e siglas não se limitam à linguagem, mas também à identidade social e cultural. Quando alguém adota e utiliza gírias específicas, está sinalizando sua afinidade e alinhamento com os valores, interesses e estilo de vida desse grupo, criando um senso de coesão e solidariedade entre os membros desse grupo, uma vez que eles compartilham um código linguístico exclusivo. “Essa forma de escrita online proporciona que os grupos se comuniquem somente entre eles mesmo, excluindo os demais” (Mirapalheta; Santos, 2010, p. 133). É nesse contexto, portanto, que se encontra o grupo Borboletana que será apresentado, a seguir, juntamente com os procedimentos metodológicos deste estudo.

METODOLOGIA

Para contextualizar o comportamento de usuários de redes sociais, especificamente o WhatsApp, sob o enfoque de analisar as práticas, valores, normas e significados que emergem das interações online, foi utilizado o método de pesquisa da Netnografia. A metodologia envolve a aplicação dos princípios da etnografia tradicional ao ambiente digital, criando um espaço que permite a compreensão aprofundada dos comportamentos e interações no online, bem como das motivações e significados a essas práticas (Kozinets, 2014). Também conhecida como etnografia virtual, o método reconhece que as comunidades online não são isoladas do mundo offline, mas sim entrelaçadas a ele, concedendo a hipótese de explorar as interconexões entre os dois mundos, e considerar as influências mútuas que ocorrem entre as experiências online e offline dos indivíduos.

Para entender a dinâmica do estudo no ciberespaço, é preciso compreender primeiramente, como são constituídos os espaços a serem estudadas a partir do método, as comunidades virtuais. Desenvolvido por Howard Rheingold (1993, p.5), o termo se refere as “agregações sociais que

emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende (...) discussões públicas por um tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço”. O autor apresenta a caracterização das comunidades virtuais em aspectos importantes para análise da presente pesquisa:

- a) *Interesses compartilhados*: a união dos usuários por meio das comunidades se dá em razão da semelhança entre interesses, hobbies, valores ou objetivos em comum, criando uma base para a interação e o compartilhamento de conhecimento e experiências.
- b) *Laço social*: a formação de amizades e relações sociais entre os membros da comunidade constituem conexões e o senso de comunidade.
- c) *Senso de pertencimento*: embora a comunicação ocorra de forma mediada pela tecnologia, os laços sociais e a coesão grupal podem se desenvolver na medida em que os membros se envolvem e interagem uns com os outros (Rheingold, 1993, p.7).

Através dessas categorias apresentadas pelo autor, buscamos analisar as mensagens do grupo Borboletana. O nome do grupo surge da metáfora com uma borboleta que passa por um processo de profunda transformação para habitar em sua nova estrutura. O nome está associado à “ideia de leveza e da alma liberta de seu invólucro carnal [...]” (Santana, 2016, p. 18). Daí vem a metáfora de transformação adotada por pessoas com transtornos alimentares em uma tentativa de se apoiar em uma teoria na qual irão se transformar por meio dos distúrbios.

Em razão das discussões autolesivas e negativas aos olhos de pessoas que não estão inseridas nesses grupos, as participantes e aderentes ao movimento utilizam dos termos para se encontrarem por meio de hashtags nas redes sociais. Através dessas nomenclaturas, foi realizada a busca de um grupo favorável para a atual pesquisa. A busca se deu por intermédio do Google e *Twitter*. Tanto na plataforma do *Twitter*, quanto no Google, foi necessário a busca por palavras chaves, como “borboletana”, “anamia” e “T.A”, associadas às palavras “grupo” e “WhatsApp”. O grupo Borboletana foi encontrado por meio de um link disponibilizado em contas abertas do *Twitter*. A escolha do grupo para a análise ocorreu por ser um grupo aberto e por haver trocas entre as participantes.

Quanto ao início do processo de análise e à entrada no grupo, foi seguida a abordagem de Kozinets (2014) na etapa de ingressão, denominada como *entreé* cultural, que se refere ao momento em que o pesquisador ingressa no campo cultural que está sendo estudado. O termo marca o ponto de partida para o pesquisador entender e se envolver com a cultura virtual que será analisada. A abordagem de Kozinets (2014) enfatiza a imersão do pesquisador no contexto digital. Isso pode envolver a criação de um perfil online, interações regulares com os membros da comunidade e o compartilhamento de experiências, contribuições ou observações relevantes. O objetivo é entender a cultura digital a partir de dentro, capturando as dinâmicas que podem não ser visíveis apenas por meio de observação externa. No caso do estudo com o Borboletana, foi adotado somente o conceito de observação. A escolha desse método de não interação com as participantes do grupo se deu pela preservação da identidade dos pesquisadores e pelo intuito de não interferir na maneira com as mesmas se comunicam entre si.

O corpus de análise compreende mensagens coletadas entre o dia 6 e 21 de maio de 2023, a partir de um filtro de relevância ao presente estudo. Ou seja, foram selecionadas mensagens que melhor representavam a complexidade do grupo. Foram privilegiadas questões e diálogos relacionados à aversão ao movimento de positividade corporal, em que mulheres gordas propagam,

por meio da internet, um pensamento positivo sobre o próprio corpo, seja ele magro ou gordo. Também fizeram parte da seleção conversas que envolviam o cotidiano de cada participante, preocupações habituais e suas formas de resolução atreladas às práticas de transtornos alimentares. A fim de preservar a identidade das integrantes do grupo, a indicação de cada fala se deu por nomes fictícios.

BORBOLETANA: UMA ANÁLISE NETNOGRÁFICA DO WHATSAPP

Definido o objeto de estudo, e a partir dos processos metodológicos da netnografia (Kozinets, 2014), foram coletadas e estudadas as mensagens compartilhadas pelas 39 participantes do grupo Borboletana, do dia 6 de maio ao dia 21 de maio de 2023, em consequência da maior interação entre os membros nesse período de tempo. Nesse sentido, construímos categorias analíticas a partir da proposta de Rheingold (1993), ressaltando os interesses compartilhados, o laço social e o senso de pertencimento. A análise foi dividida em três categorias são elas: a sociabilidade no grupo, o ninho de borboletas e a demonização da gordura.

A sociabilidade no grupo

A sociabilidade é um conceito central nas ciências sociais que se refere ao conjunto de relações sociais, comportamentos e interações que ocorrem entre os indivíduos em uma sociedade. Elas emergem como resultado das necessidades e interesses específicos dos indivíduos, combinados a um sentimento de pertencimento a grupos sociais (Santos, 2016). Dentro desse contexto, a sociabilidade representa a maneira pela qual os indivíduos se organizam em grupos que atendem aos seus interesses, estes que fundamentam os alicerces das sociedades humanas e moldam os padrões de interação social.

Quanto à sociabilidade, Santos (2016) ressalta seu papel no fomento da tolerância entre os seres humanos. Sua interação característica leva os indivíduos a renunciarem a certas formas de pensamento e ação a fim de alcançar uma coesão social. Nesse processo, o conceito demanda uma forma de interação genuína, transparente e frequentemente cativante, especialmente entre aqueles considerados iguais (Santos, 2016), criando uma dinâmica na qual as diferenças são superadas em prol da concordância.

A interação representa a maneira pela qual os impulsos, sentimentos e desejos individuais se manifestam quando o indivíduo transcende sua individualidade e se conecta com os outros em busca de objetivos comuns ou finalidades específicas. Essa interação não é um fenômeno isolado, mas um processo complexo que ocorre em meio a uma infinidade de possibilidades sociais. A base da sociabilidade, reside na necessidade humana fundamental de se conectar com outros indivíduos. Isso envolve a busca por relações significativas e a formação de grupos sociais que atendam às necessidades e interesses compartilhados. As interações sociais, portanto, servem como canais pelos quais os seres humanos expressam seus impulsos internos em um contexto social.

A capacidade de compartilhar sentimentos e experiências com atores do mundo offline sem prévio contato pode ser destacada como uma manifestação evidente da sociabilidade online (Santos, 2016) e o grupo Borboletana é um exemplo da funcionalidade do contato entre agentes desconhecidos que se conectam por meio de interesses em comum, que, neste caso, é a busca pelo corpo magro perfeito. Em razão da finalidade percebida como incomum ao mundo exterior, grupos como o Borboletana formam um sentimento de solidariedade (Santos, 2016), no qual as

integrantes compreendem umas às outras e colocam em pauta somente o resultado final, não os meios necessários para alcançá-lo.

Nesse sentido, as observações sobre o grupo revelaram que a sociabilidade entre as participantes vai muito além do texto, pois o WhatsApp oferece a possibilidade de envio de imagens, vídeos, emojis, mensagens compartilhadas, áudios, etc, que ampliam a manutenção da conversação. O compartilhamento de práticas autolesivas está relacionado à ajuda e às informações que as pessoas procuram e que os outros têm condições de oferecer. Este tema é o que mais mobiliza as participantes e gera maior engajamento, sobretudo, quando há “dicas” para evitar a ingestão de alimentos. Trata-se de uma dinâmica presente no grupo e que fomenta a sensação de pertencimento. Além disso, este processo é central para a manutenção do grupo. Ademais, a participação das integrantes ocorre por meio de interações interpessoais (quando uma integrante conversa diretamente com outra) ou interações grupais (todas as integrantes conversam entre si).

O ninho de borboletas

No contexto das comunidades online, o senso de pertencimento refere-se à sensação de conexão, identidade e afinidade que os membros experimentam dentro de um espaço virtual específica e, conseqüentemente, a criação de um laço social entre elas. Rheingold (1993, p.18) define essas comunidades como “agregados sociais surgidos na rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço”. Portanto, o Borboletana é mais uma representação do agrupamento designado por afinidade de interesses, que nesse caso, é o propósito de emagrecimento.

No decorrer das mensagens do grupo, são relatadas semelhantes ocasiões vivenciadas pelas integrantes, que compartilham preocupações sobre a imagem corporal, o peso e a alimentação. Através dessas interações, é notável o desenvolvimento do senso de pertencimento, uma vez que se sentem compreendidas por outras que enfrentam desafios similares.

MARIA: Três dias que já n estou conseguindo manter o jejum, meninas

MARIA: Nem sei se mereço mais estar aqui...

LIVIA: Continue tentando e não desista

LIVIA: Todas estamos aqui tentando um objetivo

LIVIA: É normal falhar mas a gente não pode usar o erro como justificativa para desistir

MARIA: :(obg anjo

MARIA: Amanhã eu tento de novo

MARIA: E dessa vez vou ser mais forte

LIVIA: Sim!!!

(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 17 de maio de 2023)

Breiger (1974) propõe que o senso de pertencimento não se limita apenas a uma questão de presença física ou interação ocasional, mas sim uma construção social, moldada pela densidade e intensidade das interações entre os membros de um grupo. O aspecto de pertencer estabelece laços sociais nos quais o indivíduo é percebido como parte integrante de um todo maior, implicando na consideração do próprio como um elemento primordial de uma comunidade, fundamentando, assim, relações sociais significativas. Além disso, outros elementos ressaltados incluem o “sentimento de comunidade”, a “permanência”, a “ligação com os outros membros”, o “caráter corporativo”, a “existência de formas específicas de comunicação”, a “emergência de um projeto em comum” e a “territorialidade” (Santos, 2016). Esses fatores delineiam as bases de

uma comunidade, tanto no contexto físico, quanto nas comunidades virtuais, onde as interações predominantemente ocorrem no ciberespaço. Assim, a compreensão da comunidade virtual transcende a mera presença online, envolvendo uma rede de conexões e um sentido de identidade compartilhada entre seus membros.

MARIA: Esse iogurte é muito bom, meninas
MARIA: Simplesmente comprem
CARLA: Vou no mercado hoje, vou comprar pra experimentar
MARIA: Mostra suas comprinhas hj amor
MARIA: Se puder
CARLA: Pode deixar
(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 12 de maio de 2023)

MARIA: Amg
MARIA: Vc pode ir me orientado?
MARIA: Tipo quando vc ver que eu tô comendo demais ou comendo coisas sujas, vc pode me falar?
CARLA: Quer que eu seja tóxica?
MARIA: Quero
(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 18 de maio de 2023)

Os laços sociais constituem a estrutura de uma rede social, representando as conexões e interações entre os indivíduos dentro da rede. Esses laços podem variar em intensidade, de fracos a fortes, e são fatores base para a coesão e a dinâmica da comunidade online (Recuero, 2005). Os laços sociais mais fortes geralmente indicam relações mais íntimas e duradouras, enquanto os laços fracos podem ser pontes para novas conexões e informações. O senso de pertencimento e o laço social atuam, no Borboletana, como um refúgio para as participantes, que trazem situações rotineiras que impactam negativamente ou positivamente em seu processo de emagrecimento, e buscam nas companheiras do grupo, apoio para tomar as decisões que julgam mais congruentes.

Durante a pesquisa, muitas integrantes relataram e aconselharam umas às outras, formas de se manterem longe da comida, não quebrarem o jejum, esconderem seus transtornos de família e amigos, constatando como a permanência no meio pró-ana/mia é importante para que elas não se desviem do seu objetivo. Logo, é perceptível a influência do grupo em fatores de socialização no mundo real:

LIVIA: Vão comprar pizza que ódio
LIVIA: Oq eu faço?? Como eu recuso?? Eu como? Guardo??
CARLA: Para de ser vagabunda ein
CARLA: Pega duas fatias e esconde embaixo da cama
LIVIA: Tô em MF não quero estragar tudo
LIVIA: Vou fingir que não tô com fome
LIVIA: Vou tirar umas fatias e guardar
LIVIA: Posso usar a desculpa que vou comer amanhã
CARLA: Pega e vai pro quarto
LIVIA: Vou tentar
CARLA: Não quebra esse mf
CARLA: Dps vai ficar desesperada pq tá inchada
(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 21 de maio de 2023)

BIA: cheguei na minha mf⁴ e simplesmente engordei tudo de nv
CARLA: Qual é sua mf?
BIA: 45
CARLA: E tá com quanto?
BIA: 58 😊😊😊
CARLA: Mas o que aconteceu? Chegou na mf e aí achou que nunca mais ia engordar?
CARLA: Pq aconteceu comigo 😊😊😊👍
CARLA: Todo mundo elogiando e falando que eu tava muito magra e eu pirei achando que nunca mais ia engordar
BIA: Kkkkk emagreci aí fiquei felizinha e voltei a faculdade, sai dos grupos, parei de contar as calorias, de me pesar todos os dias.....
BIA: quando eu vi tava comendo igual uma porca
LIVIA: Eu tbm, só que não como compulsivamente
Qualquer coisa que como já quero botar pra fora pro puro arrependimento
CARLA: Quando a gente se dá conta, já tá imensa
BIA: sim e nossa tá insuportável, toda vez que sinto minha coxa encostando, sinto meus braços maiores.. aiii eu morro de gastura, de repulsa
CARLA: É assim mesmo, eu queria me matar quando via meu braço o dobro do que era
CARLA: Ele era tão pequenininho, agora tá enorme
CARLA: As coxas também, faltava milímetros pra elas separarem de vez e não encostarem mais uma na outra e eu simplesmente invalidei todo meu esforço e todo sofrimento
CARLA: Por causa de elogios, me sinto burra e estúpida
(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 19 de maio de 2023)

Assim como recomendações diretas provindas de indagações acerca de situações envolvendo o cotidiano, também foram constatados momentos de fortalecimento entre as integrantes do grupo.

MARIA: Meninas, tô com uma lista aqui de coisas que vcs podem fazer pra manter firme na dieta
MARIA: Vcs querem que eu mande?
MALU: simm
LU: Simmmm
CARLA: Manda
MARIA:

1. Vá para a academia
2. Faça uma lista de todas as razões de porque você quer isso
3. Escreva no seu diário thinspo o quando você está com fome e o quanto vai conseguir (leia no outro dia)
4. Pratique pilates
5. Procure informações de saúde/nutrição
6. Limpe a casa (e deixe a mamãe feliz, e deixe seu corpo mais feliz ainda queimando calorias)

⁴MF: abreviação para a meta final de peso.

7. Beba água até explodir
 8. Levante pesinhos
 9. Pule corda
 10. Esfolie todo o seu corpo
 11. Tome um longo banho gelado
 12. Ligue o som e DANCE. Sem parar.
 13. Elaborar receitas com calorias assustadoramente baixas.
 14. Escreva uma lista de 50 coisas para fazer em vez de ter uma compulsão
 15. Entre no Tumblr
 16. Faça sua própria pulseira⁵ ana ou mia (vermelha ou roxa)
 17. Anote tudo que desejar sobre ana e mia
 18. Organize seu quarto (cama, prateleiras, tv, pc, tudo. Limpe TUDO. Até as caixas de sapato)
 19. Aspire toda a casa
 20. Lave todas as janelas e espelhos da casa
 21. Coloque uma música muito boa e limpe sua casa dançando
 22. Assista aos canais de moda na TV
 23. Escove seus dentes durante 20min
 24. Coma gelo
 25. Se pese
 26. Leia muitas revistas on-line
 27. Exercite
 28. Exercite um pouco mais
 29. Olhe um catálogo de moda
 30. Prove suas roupas
 31. Prove jeans apertados e anote, para futuramente você saber que era apertado
 32. Tire fotos suas e anote suas medidas para depois comparar
 33. Leia revistas de moda e babe as modelos
 34. Assista vídeos com pessoas magras
 35. Anote as roupas que você vai usar quando estiver magra
 36. Leia sobre as calorias dos alimentos
 37. Decore as calorias
 38. Procure uma thinspo e pesquise TUDO sobre ela
 39. Faça chá verde e tome
 40. Pense em magreza
- (Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 10 de maio de 2023)

A busca incessante pelo corpo ideal, frequentemente associado à magreza, induz mulheres a adotarem medidas extremas. A imagem de poder e beleza, vinculada à esbelteza, cria uma insatisfação crônica com o próprio corpo e alguns quilos a mais tornam-se motivo de autodesprezo (Boris; Cesídio, 2007). A chamada “indústria do corpo” capitaliza essa insatisfação, promovendo a ilusão de que um corpo saudável e esteticamente atraente garante a felicidade. Contudo, ao padronizar os corpos, a singularidade humana é negada (Boris; Cesídio, 2007), o que denota que reproduzir modelos predefinidos significa perder a individualidade, transformando as pessoas em caricaturas padronizadas de si mesmas. A visão que os indivíduos têm do corpo ideal, conforme

⁵ A pulseira é um artefato utilizado pela comunidade como forma de lembrete. A orientação é de usá-la na mão predominante, que normalmente é responsável por abrir a geladeira ou pegar a comida. Portanto, ela tem como finalidade, reafirmar a recusa da comida.

os padrões de beleza, é o que supostamente está correlacionado a uma série de fenômenos cada vez mais prevalentes. Isso inclui a crescente incidência de distúrbios alimentares como a bulimia e anorexia.

Historicamente, o Brasil era conhecido por celebrar e favorecer um padrão de beleza curvilíneo, caracterizado por um quadril avantajado e curvas mais acentuadas, em contraposição ao ideal de magreza predominante em muitas outras partes do mundo. No entanto, essa visão tem passado por uma mudança perceptível. Para as mulheres brasileiras, atingir o corpo galgaz caracterizado por uma figura mais esbelta e menos curvilínea, significa lidar com uma estrutura corporal que tradicionalmente era reverenciada (Santos, 2016), ou seja, o quadril avantajado e seios proporcionais. Esse redirecionamento dos padrões de beleza não se limita apenas a uma alteração na forma de enxergar a estética corporal, mas também representa uma mudança em um paradigma enraizado.

No grupo Borboletana, as participantes relatam, além da sua trajetória de emagrecimento, outros momentos de suas vivências em que se encontraram lutando para alcançar a estética perfeita:

SARA: quando estudei no ensino fundamental, minhas amigas começaram a criar corpo
 SARA: peito, coxa, bunda
 SARA: e eu, ingênua, queria a mesma atenção que elas tinham dos meninos. eu ouvia que era bonita de rosto e cabelo, mas era mt seca
 SARA: comecei a fazer dieta de engordar
 SARA: comia até passar mal
 SARA: usava 2,3 calças por baixo uma da outra pra parecer mais corpudinha
 SARA: hoje em dia me acho nojenta de gorda
 SARA: como também acho as mesmas meninas que eu admirava obesas
 SARA: não aceito que eu via aquilo como meta
 SARA: eu vejo minhas fotos da época e choro de ódio
 SARA: uma delicadeza
 SARA: os bracinhos fininhos
 SARA: qualquer roupa que eu queria ficava bem em mim
 SARA: me sinto suja quando lembro
 (Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 10 de maio de 2023)

Por fim, destacamos por meio das reproduções do Borboletana, o persistente carecimento da mulher em se encontrar em um molde predeterminado de perfeição atribuída ao corpo ideal. O culto à magreza, a busca incessante por procedimentos estéticos, constante preocupação com a aparência física e a procura para corresponder a certas normas de beleza se traduzem como uma resposta para a imposição social que é estabelecida por meio da midiatização do corpo.

A demonização da gordura

A terceira categoria analítica refere-se à aversão a gordura e às pessoas gordas. O conhecimento biomédico, influenciado por essas percepções estéticas, cataloga a gordura como um sinal de desleixo. Esta percepção negativa, por sua vez, é reforçada por ferramentas como o Índice de Massa Corpórea (IMC), que relaciona peso e altura para determinar se um indivíduo se encontra dentro dos parâmetros considerados “normais” pela medicina (Santos, 2016). No entanto, a

utilização do IMC como uma medida universal da saúde e da adequação estética é questionável, uma vez que não leva em consideração fatores individuais, como composição corporal, genética e histórico médico.

A rejeição individual ao sobrepeso, deriva, portanto, da repulsa social da gordura corporal, que contemporaneamente é vista como descaso ao corpo. Uma interpretação clara da perspectiva da sociedade acerca do corpo gordo são as famosas comparações de ‘antes’ e ‘depois’, muito utilizadas por pessoas da área da saúde, para divulgar o seu trabalho de “transformação”, “onde a gordura se associa ao momento mais rasteiro, e a magreza ao ápice da vida de um indivíduo” (Santana, 2016, p.139).

A aversão aos indivíduos com sobrepeso é um fenômeno relativamente recente, com suas raízes firmemente plantadas a partir da década de 1920, conforme observado por Sant’Anna (2014). Essa transformação na percepção da gordura e das pessoas com excesso de peso reflete um deslocamento nas normas estéticas e nos valores sociais ao longo do tempo. Aquilo que, ao longo do século XX, era associado à prosperidade e à saúde, e valorizada em diferentes culturas como um sinal de riqueza e bem-estar, se tornou estigmatizado.

Pessoas com transtornos alimentares compreendem seus atos, mesmo que conscientes das consequências, como um estilo de vida direcionado para resultados positivos.

LIVIA: Eu só tenho empatia com quem fica acima do peso quando envolve gravidez ou questões psicológicas como ansiedade, uso de medicamentos ou compulsão alimentar

Pq essas pessoas quando se tem ajuda elas voltam aos trincos e focam em perder gordura para se manter mais saudáveis

SARA: não acredito nisso de ajuda pq assisto quilos mortais

SARA: o pessoal tá ali, dando tudo nas mãos

SARA: dieta

SARA: oportunidade

SARA: 1, 2, 3 chances

SARA: e a pessoa segue fazendo suas próprias escolhas

SARA: é o famoso: a desculpa do cego é a muleta

LIVIA: Fora isso, a pessoa comer um xtudo de café da manhã, almoço e janta Mesmo sabendo que faz mal

Mesmo sabendo que o certo a se fazer e mesmo assim se mantém nisso

Aí não dá, não dá para ajudar quem não quer ajuda

LIVIA: Sim! Tem pessoas que fazem teatrinho para ter empatia do povo mas eles mesmos não querem ajuda

SARA: no fim das contas não adianta ajudar quem não quer ser ajudado

LIVIA: Sim, eles não querem

Pior que lá eles até oferecem tratamento psicólogo e o povin não quer

(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 19 de maio de 2023)

No contexto da comunidade pró-ana/mia e no próprio Borboletana, essa rejeição intensifica o temor pela obesidade, visto que, para elas, a gordura torna-se um inimigo a ser combatido a todo custo. Segundo Sant’Anna (2014), o conceito de lipofobia descreve a aversão à gordura que caracteriza as sociedades ocidentais contemporâneas. Em sociedades passadas, a obesidade era reconhecida, mas a linha que separava o “gordo saudável” do “muito gordo” era menos delimitada. Para o autor, o que mudou não foi a presença da obesidade, mas sim os limites subjetivos e

sociais que determinam o que é considerado excessivamente gordo. Hoje, uma pessoa pode ser rotulada como obesa mesmo com um percentual de gordura muito menor do que no passado.

Um aspecto comum e normalizado em grupos e comunidades Ana e Mia é a gordofobia. “A demonização da gordura ocorre justamente porque ela está representada de forma negativa no imaginário da sociedade. O controle social não dá conta de abranger as pessoas gordas e por isso elas precisam estar magras” (Santos, 2016, p.76). No Borboletana, pode ser observada uma crescente onda de repulsa pela gordura como um todo, seja a própria gordura corporal, pessoas gordas e, especialmente, àquelas que se aceitam dessa forma.

LIVIA: Aff, não quero sair rolando igual a baleia da Thaís carla
LIVIA: Ela é a minha inspiração
CARLA: Um fato
LIVIA: Para fazer o NF e não acabar se machucando com um pulinho
MARIA: Poxa, isso é tão triste de se ler
MARIA: Alguém tratando outra pessoa assim por conta da aparência
LIVIA: Realmente, mas a Thais carla é um caso que dá ódio
Tem outras mulheres gordinhas que realmente estão se esforçando para emagrecer e ter uma saúde mais saudável
LIVIA: Ela dá ódio pq ela fica falando que ter mais 140kg é normal, mal sabendo ela que isso vai acabar matando ela
CARLA: Eu nem respiro perto de obesa pq pra mim elas fedem
CARLA: Mil desculpas mas só sinto repulsa por gente assim
LIVIA: Idem, mil desculpas também mas Deus me livre gente assim
LIVIA: Tem gente que é obesa pq quer e outras por questões psicológicas e biológicas
LIVIA: A diferença entra naquelas que vão ficar assim para sempre
LIVIA: E as que vão optar por se esforçar e fazer uma academia e comer mais legumes
CARLA: Eu vi um vídeo recentemente falando que ela perdeu o processo contra a enfermeira lá
CARLA: Sim, e outra, se a pessoa quer ser gorda/obesa que seja quieta
CARLA: Ninguém quer uma obesa mimada chorando pq o absorvente não cabe nela
CARLA: Isso fode com ela mds
CARLA: Sim, que seja obesa quietinha e feliz da vida com alto nível de Colesterol
(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 19 de maio de 2023)

Thaís Carla é uma influenciadora digital popular no ciberativismo gordo, com milhões de seguidores⁶ em suas redes sociais e aborda as temáticas que englobam o amor próprio, aceitação do corpo gordo, além de conteúdos relacionados a sua própria vida, como relacionamentos, dança e maternidade. Ao expor a sua realidade como uma pessoa gorda, a influenciadora recebe constantemente discursos de ódio direcionado ao seu corpo e ao seu modo de vida.

SARA: enquanto isso, as baleietes que apoiam ela são pessoas normais, do dia a dia que sofrem realmente as consequências

⁶Em 22/04/2024, Thais Carla possuía 3.4 milhões de seguidores na plataforma do Instagram, 969 mil inscritos em seu canal do YouTube e 12.1 milhões de seguidores no TikTok.

CARLA: As outras palhaças que seguem ela são mulheres normais
LIVIA: Sim mas são mulheres que querem desculpas para ficar enorme
CARLA: E não entendem que na mídia tudo é lindo mas na vida real vão
sim olhar torto pra ela
CARLA: Vão sim julgar e falar mal
LIVIA: Mano, ter gordura em excesso no corpo faz tão mal
LIVIA: Pode chegar a esmagar seus órgãos
CARLA: A Thais pelo menos é bonitinha
CARLA: De rosto...
CARLA: Bizarro são as fotos semi nua dela
CARLA: Credo
SARA: tenho provas contextualizadas nos meus exames de quando estava
pesando 78kg. TUDO alterado! colesterol, triglicérides, glicemia, tudo
ruim imagine uma de +100kg???
SARA: na onde isso é saudável????
LIVIA: Sim, mas o mais triste é que essas mulheres são induzidas e se
sentem no conforto de comer porcarias todo dia e tomar refrigerante,
conseguem uma desculpa que é o tal empoderamento que vai causar
problemas de hipertensão e diabetes nelas
LIVIA: Não existe gordo saudável
SARA: em que mundo saudável e gordo andam juntos? 😊
LIVIA: A manca da Thaís carla fala que é saudável mas é mentira
LIVIA: Pelo amor de Deus, onde é saudável vc se quebrar toda com um
pulinho?
LIVIA: Parar em hospital
LIVIA: Mulher deve ter tanta gordura nos órgãos que deve estar afetando
o cérebro dela
LIVIA: Ela por sorte ainda tem mobilidade
SARA: eu assisti uma reportagem sobre ela
SARA: onde o repórter pergunta pra ela quantos kg ela pesa
SARA: e ela diz que não sabe pq há anos não se pesa
SARA: disse que isso não é importante pra ela
LIVIA: Ela pesa mais de 140kg
CARLA: Pq ela pode, de fato, fazer uma lavagem cerebral
CARLA: Ou mesmo, disseminar informação errada, o que é crime
SARA: aí que entra a hipocrisia
SARA: se tem tanto orgulho, tanto amor por aquele corpo
SARA: pq fugir nos números?
LIVIA: Sim, a gente pode está sendo taxada de gordofobia mas gente tá
mentindo onde?
(Texto retirado do grupo do WhatsApp no dia 19 de maio de 2023)

A mera existência de pessoas acima do peso e que se exibem dessa forma na internet configura o que é denominado *fatspo* pelas Anas e Mias, que de acordo com o dicionário de gírias, é como se referem àqueles que são uma inspiração negativa, a não se tornar. O *fatspo*, assim como *thinspo*, configura um modo de aspiração de pessoas com transtornos alimentares para se afeioarem ainda mais com seus hábitos a partir da visualização do corpo gordo como não referência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imposição sobre o corpo ideal é um fenômeno histórico que antecede o surgimento dos meios de comunicação. Com a expansão e as dinâmicas das redes digitais, práticas consideradas pró-transtorno alimentar ganham força, aproximando pessoas que compartilham experiências em prol de uma ditadura da magreza. A normalização da procura pelo belo, associada à democratização do acesso aos meios de comunicação e à intensificação da midiaticização do corpo, resultam em concepções extremas dele. A obsessão pela magreza não é fruto da atualidade. No entanto, a era da informação reproduz, desse modo, o reflexo do apagamento da individualidade das pessoas na atualidade, pois “o todo não é mais valorizado e sim a sua fragmentação, podendo ser tanto de ideias quanto de formas de vida e de culturas que compõem a sociedade moderno contemporânea” (Santos, 2016, p.143).

Ao compreendermos as interações presentes no Borboletana, podemos visualizar, de forma clara, a construção de um ideal sistematizado pela sociedade, e impulsionado pelas vertentes dos transtornos alimentares. Todavia, os comportamentos e pensamentos semeados entre as participantes do grupo não destoam significativamente do mundo real. A demonização da gordura e a sua percepção como um empecilho na vida e um desacato à saúde e segurança própria, não configura como particularidade dos movimentos pró-ana e pró-mia, mas sim como um consenso entre uma população que inclui profissionais de saúde.

A ascensão do gnosticismo no mundo helenístico introduziu a concepção do corpo como algo maligno, sendo essa ideia integrada às origens do cristianismo (Santos, 2016). O ascetismo cristão, fundamentado na teoria platônica da alma aprisionada no corpo, advogava que a libertação da alma só seria possível por meio do sacrifício corporal, principalmente através da abstinência alimentar. Marcada pela busca da perfeição espiritual por meio da negação do corpo, a prática foi adotada por mulheres na Idade Média como uma maneira de adquirirem controle sobre suas vidas e corpos, escapando de casamentos arranjados. Compreendemos, portanto, que o transtorno tem raízes históricas que vão além de questões de beleza, refletindo um encadeamento de pressões e crenças sociais presentes em diferentes momentos e culturas, resultando em comportamentos extremos relacionados à alimentação e ao corpo feminino.

Ao analisarmos as práticas do grupo Borboletana, foi possível perceber a ramificação de estruturas na formação dessa comunidade. Em uma cultura que promove um ideal específico de magreza, moldado pelos limites estabelecidos como “normais” para o corpo, jovens mulheres se empenham em se conformar a esses padrões e regras predominantes. Elas temem possíveis punições morais que podem surgir em diversos ambientes sociais como em casa, na escola, no convívio social, entre amigos, no ambiente de trabalho ou em qualquer outro cenário de interação.

Assim, concluímos que a construção do corpo ideal se modifica de acordo com as variantes de tempo e lugar. O conceito de beleza assume novas posturas, e a busca pelo belo se torna interminável na medida em que tais condutas afiguram rotatividade na era da Informação, em que as tendências tanto do corpo, quanto da moda, mudam todos os dias. A compreensão da magreza como aspecto saudável trabalha como agente chave na construção da idealização, o que sucede a formação de comunidades que operam na tentativa de alcançar tal patamar. O Borboletana é apenas um dos muitos exemplos existentes de grupos criados a fim de organizar pessoas com interesses em comum em prol de um objetivo maior.

A presente pesquisa se faz necessária em um campo onde a comunicação e a sociabilidade são a principal forma de conexão entre pessoas de todos os lugares e individualidades. Embora a netnografia (Kozinets, 2014) seja um método de estudo do comportamento em comunidades

online de grande acessibilidade, quando se trata de uma perspectiva que envolve uma subjetividade da concepção pró-transtorno alimentar, é impreterível que haja uma visão de mais sensibilidade, a fim de compreender os propósitos e motivações que as mantêm nesse local, sem um julgamento externo.

Por fim, acreditamos que futuras pesquisas possuem potencial para agregar no estudo dos transtornos alimentares e sua tendência em formar comunidades autolesivas em prol do objetivo de alcançar um parâmetro corporal irreal. Associando-se também, com pesquisas da área da saúde para avaliar os comportamentos dos distúrbios alimentares e seus danos extensos à saúde no futuro. Em suma, é necessário que a academia se desdobre para especificidades culturais que estão, normalmente, fora do seu convívio e adote estratégias que possibilitam uma análise ampliada das normas e mudanças sociais.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Eliane Medeiros. Corpo, espetáculo e consumo: novas configurações midiáticas para a infância. **Media & Jornalismo**, v. 11, n. 11, p. 91-103, 2007. Disponível em: <http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/04/n11-05-eliane-borges.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- BORIS, Georges; CESÍDIO, Mirella. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012. Acesso em: 25 out. 2023.
- BREIGER, Ronald. The Duality of Persons and Groups. **Social Forces**, vol. 53, n. 2, p.181- 190, 1974. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2576011>. Acesso em: 24 out. 2023.
- CLARK, Kenneth. **The Nude**: a study in ideal form. Nova Jersey: Princeton University Press, 1956.
- GOMBRICH, Ernest. **A história da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1977.
- KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.
- MEDEIROS, Adriana. O ideal de beleza na escultura grega: reflexões sobre as acepções formais construídas pela sociedade grega. **Principia**, n. 23, p. 89-102, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/6283> Acesso em: 19 jun. 2023.
- MESQUITA, Lucas Rocha. Movimento pró-ana e pró-mia na internet: uma análise a partir dos webblogs brasileiros. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 03, Ed. 09, Vol. 12, p. 40- 48, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/nutricao/webblogs>. Acesso em: 23 set. 2023.
- MIRAPALHETA, Francine; SANTOS, Méri. As anas e as mias e suas gírias como demarcadores de identidade. **Revista Didática Sistemica**, v. 11, p. 127-135, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/handle/1/1597>> Acesso em: 24 set. 2023.
- MORGAN, Christina; VECCHIATTI, Ilka; NEGRÃO, André. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 24, p. 18-23, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462002000700005>. Acesso em: 08 jun. 2023.

- MOTA, Maria Dolores. De Vênus a Kate Moss: reflexões sobre corpo, beleza e relações de gênero. **Actas de Diseño**, n. 5, 2008. Disponível em: <https://dspace.palermo.edu/ojs/index.php/actas/article/view/3140>. Acesso em: 17 ago. 2023.
- PRIMO, Alex. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista FAMECOS**, v. 7, n. 12, p. 81–92, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3068>. Acesso em: 17 set. 2023.
- RECUERO, Raquel. Comunidades em Redes Sociais na Internet: um estudo de uma rede pró-ana e pró-mia. **Faro, Valparaíso**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2007364.pdf>. Acesso em: 17 set. 2023.
- REIS, Vanessa. Ana e Mia na “nova” rede: comunidades reúnem anoréxicas e bulímicas na Web 2.0. **Rumores, São Paulo**, v.1, n.2, p. 1-10, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51115>. Acesso em: 23 set. 2023.
- RHEINGOLD, Howard. **The virtual community: Homesteading on the eletronic frontier**. Boston (EUA): Addison Wesley Publishing Company, 1993.
- SANTANA, Juliana. **Aqui grito tudo que sofro calada: Imagem corporal: construção através da cultura do belo**. 2016. 189f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20714> Acesso em: 14 jul. 2023.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.**
- SANTOS, Cristina Oliveira dos. **Borboletas na rede: uma netnografia sobre práticas de anorexia e bulimia entre jovens mulheres no ciberespaço**. 2016. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- SANTOS, Isadora. Comunicação, Consumo e Gênero: a ininterrupta mudança do conceito de beleza feminina como instrumento de controle sobre as mulheres. In: FARIAS, Helena. **A sociedade no processo de transformação social**. Rio de Janeiro: Epitaya e-books, 2022.
- THOMPSON, Jhon. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/153199>. Acesso em: 17 set. 2023.